

A PESSOA PROFISSIONAL DE ANTROPOLOGIA COMO MEDIADORA. O ESPAÇO DE AÇÃO DO PESQUISADOR (A) (E)

JOÃO MANSUR NETO¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – eumansur@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este texto pretende apresentar algumas reflexões de minha dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, que aborda questões relacionadas ao Patrimônio Cultural Imaterial, ao Registro de Bem Cultural e demais etapas da Patrimonialização de um Bem, o saber fazer Viola Caipira. Esta, confeccionada em diversas madeiras, tendo destaque no uso do Bambu, com técnica autodidata, cujo detentor é Antônio Cabral, conhecido por Sr. Cabral ou Cabral da Viola.

Atualmente, Senhor Cabral possui setenta e nove anos de idade e continua fabricando suas violas de forma artesanal, seu processo de trabalho foi iniciado a partir de sua experiência com marcenaria, somando-se à sua criatividade e seu hábito de fazer reparos em instrumentos, o que o incentivou a começar a confeccionar uma viola caipira.

Decorrente da relação de parceria com a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Bom Despacho – Minas Gerais e por ser integrante do conselho de Patrimônio da cidade, fui convidado a fazer o registro de Bem Cultural, que é o primeiro passo para a patrimonialização do Saber Fazer viola de Senhor Cabral como Patrimônio Imaterial. A pesquisa realizada para meu trabalho de conclusão de curso no Bacharelado em Antropologia, com linha de formação em Arqueologia, foi utilizado no preenchimento do registro cultural, tanto quanto o uso de fotos realizadas no ensaio etnográfico elaborado naquela ocasião. A pesquisa foi usada como referência na cartilha de educação patrimonial chamada: “Saberes e Sabores de Bom Despacho”.

Neste texto irei discutir sobre a importância da preparação da pessoa profissional em antropologia para diversas frentes de trabalho e, o quanto precisamos “vender nosso peixe”, nos inserirmos em campos de atuação que predominam outras áreas de conhecimento, muitas vezes em situações onde a Antropologia seria mais apropriada para pautar determinadas ações. Podemos e devemos ocupar lugares, principalmente no setor público relacionando a temáticas culturais e diálogo com a sociedade. Refiro-me ao fazer antropológico como um facilitador nos processos decorrentes das interações entre poder público e sociedade.

2. METODOLOGIA

Para compreender a análise antropológica como forma de conhecimento é necessário compreender sua principal ação, que é a etnografia. Não se trata de uma questão metodológica, e nem das ações práticas que ela envolve, como: estabelecer relações, transcrever textos, fazer diário de campo, dentre outras ações. Segundo Geertz (2012), o que define a pesquisa é o tipo de esforço intelectual empregado na observação e descrição. Assim, utiliza a chamada “descrição densa”, que possibilita o contato com informações que, por vezes, ficam ocultas ao se observar o bem cultural e o saber fazer.

O objetivo do etnógrafo, assim, não é decifrar códigos ou descobrir verdades escondidas, mas sim interpretar situações e relações. Isso só é possível através de uma “descrição densa”, onde se tenha o máximo de informação sobre algo e seu contexto e, a partir desse olhar comprometido e atento, é possível enxergar as relações. Não se trata de questionar a veracidade das coisas e sim qual a sua importância naquele contexto, o que está sendo transmitido através de determinada ação.

Outros elementos importantes no fazer a pesquisa tratam-se do “cinema etnográfico” e o uso da imagem, que segundo Marilda Batista (2004), “se encontra subordinado às mesmas regras de comportamento e procedimentos da pesquisa em antropologia”. Os recursos audiovisuais são importantes meios de comunicação, onde a pessoa espectadora pode ter contato direto com o tema em questão, ao contrário de tantas produções que ficam restritas apenas ao ambiente acadêmico. Marilda Batista (2004) destaca que “não basta escolher o que se quer filmar ou mostrar, mas sim assumir a autoria do trabalho e suas consequências ao longo da pesquisa antropológica”.

Será realizado um trabalho etnográfico que envolverá a descrição densa, acompanhando o processo de confecção da viola, as relações entre Senhor Cabral e Prefeitura, com observação em reuniões do conselho de patrimônio municipal de Bom Despacho - Minas Gerais, Também serão realizadas entrevistas com diversas pessoas, análise de documentos, e etc.

Como forma de extroversão utilizamos diversos recursos, sendo um deles o trabalho audiovisual, a partir de um vídeo documentário..

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É na relação com a malha, que envolve e perpassa a Viola Caipira, que podemos compreender o Bem Cultural para além dos objetos, evidenciando a relação do saber/fazer com aspectos culturais, que por vezes são específicos de uma cultura ou região. A partir do contato interpessoal proporcionado pela etnografia é possível a relação com essas especificidades, e assim conhecer melhor o Bem Cultural. neste processo a antropologia pode intermediar relações interculturais, auxiliar na criação de estratégias de preservação ou difusão do Bem Cultural, dentre outras ações que envolvem a relação entre Políticas Públicas e sociedade.

O conceito de malha é importante para pensar o caso da viola de bambu, pois o que constitui um saber é a conexão de diversos outros saberes. Não é possível deslocar o objeto de seu contexto. Seria uma enorme falha se na busca por preservar um saber nós nos preocupamos apenas com sua manifestação física, que seria o objeto, e não com sua dimensão simbólica, que envolve uma malha de informações que dão forma a todo contexto.

Para as coisas interagirem, elas devem estar imersas em uma espécie de campo de força criado pelas correntes do meio que a cerca. Se separados da corrente e reduzidos a objetos, estariam mortos.

O conceito de malha também se torna importante na compreensão do patrimônio cultural. Podemos observar esse fluxo no processo de patrimonialização que recentemente vem tomando força na cidade de Bom Despacho. A etnografia envolveu o encontro etnográfico entre o pesquisador e o Senhor Cabral, resultando em uma relação de amizade. Também a relação de cidadão e antropólogo que tem se construído com a Secretaria de Cultura da cidade, propiciou que eu passasse a participar de algumas situações envolvendo o poder público e o detentor do saber, às vezes como um facilitador, colaborador ou até mediador. É a partir dessas experiências que ressalto a importância da atuação da pessoa profissional de Antropologia em processos de patrimonialização. De acordo com Cardoso de Oliveira essa atuação deve ser pensada considerando “uma antropologia comprometida não apenas com a busca de conhecimento sobre seu objeto de pesquisa, mas sobretudo com a vida dos sujeitos submetidos à observação.” (CARDOSO OLIVEIRA, 2004)

Segundo o autor (2004), está presente no fazer da pessoa profissional de antropologia uma dimensão ético-política, onde se atua de forma a assessorar, em oposição à ideia ultrapassada de “porta voz”, onde a pessoa pesquisadora pretende falar em nome do grupo.

Considerando as reflexões sobre o fazer antropológico, outro ponto importante se refere à ideia de uma “antropologia de compromisso”, ou uma “antropologia engajada”, que apresenta de forma bem definida a diferença entre neutralidade e imparcialidade. O autor cita Geertz e afirma que o “acesso direto” ou “neutro”, ao que na antropologia chama-se de “ponto de vista do nativo”, seria inviável (2004).

Destaco em minha pesquisa a importância da chamada “antropologia prática”, onde além de gerar conhecimento e relacionar-se no processo etnográfico, busca uma ação, que por vezes transita no campo político, já que minha pesquisa envolve políticas públicas relacionadas ao Patrimônio Cultural.

Segundo Cardoso de Oliveira, esse lugar da pessoa pesquisadora nos torna tradutores/as de “sistemas culturais”, podendo assim atuar de forma prática nesses processos de reconhecimento de Bens Culturais, como na produção de inventários, produção de Dossiês, textos e filmes etnográficos, dentre outras ações. Nesse sentido “mediar já seria uma forma de agir” (CARDOSO OLIVEIRA, 2004.) Além de atuar de forma mediadora, a pessoa antropóloga pode contribuir no processo de “tradução”, “interpretação” e “mediador” do que Cardoso de Oliveira chama de idiomas culturais.

Percebi a importância do diálogo no trabalho etnográfico ao acompanhar e registrar a confecção da viola por Senhor Cabral. Por parte do profissional da antropologia é necessário foco no objetivo de conhecer com o que ou quem se relaciona. De forma prática, sempre pergunto para meu parceiro e interlocutor se posso fotografar aquele momento, como disse em outro momento do texto, essa relação da pessoa pesquisadora com o ambiente pesquisado é consolidada através de “contratos” que são diariamente, muitas vezes mais de uma vez no dia, reafirmados. Se um dia fotografei uma etapa específica isso não garante que outro dia terei o mesmo acesso. Tive uma experiência em campo onde meu interlocutor me explicou como confeccionava tal parte do instrumento e dois anos depois ele já não quis que eu visse nem registrasse tal etapa, pois era o “segredo”, o “pulo do

gato”, e logo que Senhor Cabral falava isso olhando por cima de seus óculos nós dois caímos em gargalhadas.

No caso da observação da construção da viola pode-se observar a importância de um olhar atento e de uma descrição detalhada. Temos como exemplo o tampo da viola (superfície plana onde fica a “boca” do instrumento, orifício da caixa acústica), olhando a princípio nota-se uma superfície plana e uniforme, porém em campo ao nos depararmos com a matéria prima, bambu, vemos uma superfície curvada. Apenas com o conhecimento do processo de confecção é possível compreender como o bambu em seu formato natural “curvo”, é transformado numa superfície plana e uniforme. Sendo assim, não é possível exemplificar a construção da viola de bambu se não pelo seu processo, olhando com atenção cada etapa. Apesar de cada etapa deixar marcas no instrumento, muitas vezes elas não seriam facilmente interpretadas por arqueólogos que a encontrasse fora de contexto. É esse olhar denso que nos permite inserir a viola nesta malha que envolve desde o bambu, o artesão, instrumentos feitos para o trabalho e as relações com as pessoas, o Estado e a pessoa pesquisadora.

“...a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, p.10, 2012.)

4. CONCLUSÕES

Foi possível observar na prática a importância da preparação da pessoa profissional em antropologia para diversas frentes de trabalho e, o quanto precisamos nos inserir em diversos campos de atuação, onde acreditamos que nosso saber possa contribuir. Podemos e devemos ocupar lugares, principalmente no setor público relacionando a temáticas culturais e diálogo com a sociedade. Refiro-me ao fazer antropológico como um facilitador nos processos decorrentes das interações entre poder público e sociedade.

O estudo da antropologia e sua aplicação pode funcionar de modo a intermediar as relações entre o poder público e toda a sociedade. Atuando desde o processo de desenvolvimento de políticas públicas até a mediação e aplicação de tais ações. É preciso sempre nos perguntarmos e nos lembrarmos, para quem é a Antropologia que fazemos?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Marilda. Ética e imagem em Antropologia: algumas considerações. In: OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (org.). **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: Eduff, 2004, pp., 79 – 82
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Luiz Robert. Pesquisa em verus pesquisa com seres humanos. In: OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (org.). **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: Eduff, 2004, pp., 33 – 44
- GEERTZ, Clifford. “Parte I: Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura”. In: _____. **A Interpretação da Cultura**. Rio de Janeiro, LTC, 2008. Pp. 3-21.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, p. 13-37, 1996